


Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

* Director: Padre Luiz



Pai Américo

Obreiro da «Civilização do Amor»

«Nós somos todos feitos de Amor, para amar. Cada um de nós é um milagre de amor, do Amor infinito de Deus, e uma vez dentro da vida, temos de a realizar... amando.» (PAI AMÉRICO)

Vinte anos se completaram a 16 do corrente mês sobre a morte de Pai Américo. Lembrar aquela data, como a da sua ordenação sacerdotal a 28, é para nós um dever, que cada ano corrido mais faz realçar a sua estatura moral e nos revela a sua indiscutível actualidade. Falar dele, não é, por isso mesmo, nada fácil, não só pela insuficiência de quem escreve como também pelo perigo de molestar a sua proverbial modéstia.

Ao lermos a importante «Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi», fruto do IV Sínodo dos Bispos, à luz dos ensinamentos do Concílio, aí topamos repetidas vezes com Pai Américo, numa antecipação que humanamente nos espanta, não soubéssemos que o Espírito sopra quando e como quer e que é Ele o agente principal da Evangelização. E Pai Américo, pela sua santidade de vida, pelo amor à unidade e à verdade reuniu as qualidades indispensáveis, que no dizer de Paulo VI, são precisas para anunciar o Evangelho. «Dizemo-lo a todos: é necessário que o nosso zelo evangelizador brote de uma verdadeira santidade de vida. Sem esta marca de santidade, a nossa palavra dificilmente abrirá brechas no coração dos homens deste tempo. Corre o risco de tornar-se vã e infecunda.» E nós sabemos como a palavra de Pai Américo abriu e continua a abrir brechas, pois toda ela «transmite aos cristãos certezas sólidas baseadas na Palavra de Deus, e não dúvidas ou incertezas nascidas de uma erudição mal assimilada».

Três notas fundamentais se devem evidenciar nos trabalhos verdadeiramente evangelizadores da vida sacerdotal de Pai Américo: o amor apaixonado a Cristo, «Rei e Centro dos corações»; a fidelidade sem limites à Igreja, sem a qual nada concebia de válido na sua acção; e a entrega ao serviço dos Homens no respeito profundo pela pessoa humana, sem excepções de quaisquer espécies, olhando com desvelo particular os mais fracos e desprotegidos. Nos seus escritos e na sua acção multiplicam-se os exemplos esclarecedores.

«Todo o cuidado dos Padres da Rua consiste na sua fidelidade à Igreja e por Ela a Cristo, em unidade com a Hierarquia. Na verdade, esta Obra que se chama da Rua, é uma revelação actual e oportuna do Eterno. Nós temos retirado a pedra do sepulcro aos olhos de muitos que tomavam Jesus por um homem

Continua na QUARTA página

Aqui, Lisboa!

● Recordar Pai Américo, após 20 anos da sua passagem para a Casa do Pai, não valeria a pena se da sua recordação não tivesse ficado mais do que o panegírico que tantas vezes oiço: «Que pena não haver, agora, homens como ele!»

Mas, recordar Pai Américo, neste tempo, é atear nos nossos corações a chama revolucionária que no dele ardia e tornarmo-nos como ele queria que fosse cada um, à nossa maneira, no zelo, no carácter e na personalidade: revolucionários do Amor. Isto é: sermos só e simplesmente cristãos. Cristãos como ele procurou ser, não só no dizer mas, ainda mais, no fazer.

Assim, sim!

Vale a pena respigar achegas nos seus escritos para nelas meditarmos, renovarmos o nosso ser e agir.

De si mesmo disse ele: «Os vindouros não-de saber que, nestas eras de revolução, passou no mundo um padre revolucionário, o qual se não tem até agora sacudido os vendilhões do Templo, não é que não tenha coragem: é que o não deixam fazer.

Não! Não há solução (social) fora da Justiça! Fome e sede de Justiça no peito de cada mandante e no peito de cada mandado.

Justiça igual à do Mestre, pedra de toque do Seu zelo, do Seu carácter, da Sua personalidade: — Tenho sede».

Definia-se a si mesmo: «Eu sou um revolucionário pacífico, um obreiro que chora e procura todos os meios lícitos para aliviar a vida e matar a fome dos Irmãos».

E acrescentava: «Estranha missão a de um homem que se propõe dar o sangue das veias e anda na liça de destruir aquilo mesmo que não sofre destruição: há-de haver sempre escândalos no mundo...»

E esta missão porque: «Não se sabe por desígnio de quem, uma grande parte da humanidade fica sem talher à mesa e leva a vida a gemer, a tossir e a esperar. O conhecimento desta verdade tem levado os homens de todos os tempos a inventar sistemas e doutrinas que formam classes em vez de unir corações. Nós não. A Caridade não chama ninguém a contas, porque benigna: tudo desculpa, tudo espera e tudo

sofre. Não forja sistemas nem prega doutrinas; ela vai, contra os seus próprios interesses, cuidar dos interesses dos mais».

Por isto ele definia: «A verdadeira Revolução é levantar os Prostrados e não deitar abaixo os que caminham. O mundo está cansado de partos dolorosos que dão em aborto. Os alicerces continuam a ranger. Ainda não chegou a hora alegre de repor na sociedade o Evangelho, viver-se o Cristianismo à moda dos Apóstolos, lançar por terra as mesas dos agiotas».

Mas para tal realizar: «Os obreiros da Revolução têm de ser pacíficos e silenciosos».

Porém, amargamente desabafava e denunciava ao ver a apatia dos cristãos de então: «Sim; a cristandade adormeceu e tal jeito tomou na palha da cama que parece já não arrumar de lá para fora senão pela violência. Não obstante os perigos da porta e o sinal dos céus, muitos cristãos, de dentro dos seus doces leitos, compram, sem precisar, casas e quintas de rendimento.

Cont. na QUARTA pág.

TRIBUNA de COIMBRA

No rescaldo das nossas Festas ainda estamos a viver as horas altas, que em toda a parte se viveu. Este ano, muito mais que nos anos anteriores, sentimos as salas muito mais cheias, muito mais quentes, muito mais encantadas. Em quase todas as terras muitas pessoas tiveram de regressar a casa sem poder entrar nas salas por não conseguirem lugar. E no final as pessoas ficavam sem vontade de sair.

Desde a grande sala extravasante do Coliseu do Porto, passando pelo Monumental de Lisboa, um domingo de manhã, indo às melhores salas das cidades do centro, entrando em salões de vilas que ainda não têm sala própria, em toda a parte sentimos o mesmo carinho, o mesmo entusiasmo, amor idêntico.

Os homens querem amar; querem ser irmãos uns dos outros; querem que não haja crianças abandonadas; querem que não haja doentes sem cama; querem que não haja famílias sem casa; querem que não haja filhos sem pai. As nossas Festas são esta mensagem e esta mensagem tem assim tanta procura. São sempre um canto de vitória.

Geralmente tivemos a impressão de que as pessoas também procuram nas nossas Festas uma palavra de Esperança. Apregoava-se tanta vingança, tanto ódio, tanta luta! Andávamos todos tão carregados de negativos da vida que ansiávamos por clima de esperança.

E essa palavra de Esperança nós procurámos comunicá-la e procurámos, que se vivesse dentro de cada sala. Na despedida apeteceu-nos sempre gritar que vale a pena amar, que vale a pena dar a vida. Que valeu a pena Pai Américo querer ser padre e pai dos mais pobres. Que valeu a pena morrer, pois a sua vida e a sua morte são fermento destes nossos cantos de vitória.

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

PISCINA — Inaugurámos no passado dia 26, sábado, uma piscina nova que deu grandes trabalhos para a conseguirmos construir.

O velho tanque foi arrasado, visto que já se tornava pequeno para conter a nossa malta bélica. No lugar deste, maior e mais funda, foi construída a piscina. Ergueram-se paredes maciças, assentaram-se placas, pintou-se o interior com tinta plástica e pôs-se a água a correr.

Do tanque antigo não ficaram vestígios; o lugar está completamente transformado, os jardins em volta foram adaptados ao ambiente criado pela construção da piscina. Mas, para que tanto se fizesse, foram precisos muitos dias de trabalho; trabalhava-se de sol a sol! Tinham já batido 23 horas e ainda trabalhavam na piscina o sr. P.e Horácio e os pedreiros. Eram já horas de um outro dia que começava e ainda lá andavam os serralheiros e colaboradores que adaptavam e pintavam o palanque.

Contudo, a seguir ao Inverno vem a Primavera. Como tal, também a nós aconteceu, depois de tantos trabalhos estávamos ansiosos por nos refrescarmos nas águas limpas desta construção. Assim, no dia 26, lá estávamos nós, mais contentes do que nunca. Era tardinha. Todos na borda preparados para se atirarem. Todos à espera que viesse um sinal para mergulharem. Esse sinal deu-se e, «zás!» Todos ao mesmo tempo, em pouco tempo estava a superfície líquida coberta de cabeças. Ninguém sabe quem foi o primeiro!

O Martins, claro, esse agartou-se ao palanque e foi ele o primeiro a servir-se dele. Que bom ver todos os Rapazes felizes e alegres!

À hora da merenda haviam umas guloseimas consequentes das nossas Festas, as quais devorámos com apetite.

Tínhamos o nosso bom vinho branco. A Festa na Lousã tinha sido no dia anterior e, por isso, tínhamos bolos e sandes. Os Amigos de Anadia deram-nos umas boas garrafas de champagne, impecável, que bebemos neste dia.

CASAMENTO — O João Bandarra e a Maria Madalena casaram. A cerimónia religiosa, que os uniu pelos laços do Matrimónio, foi às 13 horas em nossa Capela.

Como iam lindos os noivos! Noivos antes da cerimónia religiosa, porque depois ficaram mais lindinhos já marido e esposa. O fotógrafo estava lá. Os vizinhos mandaram-lhes flores e os felizes contemplados sorriam.

Houve uma grande boda na nossa sala de jantar, na qual participaram todos os irmãos Gaiatos do João Bandarra; irmãos de sangue deste, estavam também presentes o Bandarrita e o «Risonho» que já estiveram na Casa do Gaiato anteriormente. Estavam outros familiares e convidados do João e da Maria Madalena.

A boda foi simples mas farta. Havia de tudo e comeu-se e bebeu-se como num dia de festa que era

aquele dia. O Bandarra, que tem sido o nosso cozinheiro, também lá estava no dia anterior para ajudar os Rapazes que seriam os cozinheiros no dia do casamento.

Os Rapazes, ajudados pelas Senhoras, prepararam uma boa canjinha e umas suculentas batatas fritas com carne.

Bom! Agora em nome de todos os irmãos Gaiatos resta-me dar os sinceros votos de felicidades e que o futuro sorria a este jovem casal que enveredou pelos caminhos do Senhor. Felicidades Amigos!

Benjamin

Paço de Sousa

OPINIÃO — É noite. Eu aproveito para vos falar de mim, como eu sou e porque escrevo para o nosso jornal.

Não sou obrigado; bem pelo contrário. Eu próprio tomei a iniciativa porque acho que escrever para o nosso jornal é uma obrigação que cabe a todos nós Gaiatos e não só.

Por agora vou escrevendo os pequenos apontamentos que se passam em nossa Aldeia. Mais tarde, tenciono criar um título e escrever quinzenalmente um artigo, mediante o que sei e posso.

Por vezes sinto dificuldades em vos escrever. E quem não se sente? Depois de um dia de trabalho estamos cansados e quase sem vontade nenhuma de fazer seja o que for; mas, lá consegui escrever este pequeno apontamento.

Não sou um trabalhador afamado, mas também não sou mau de todo.

Por vezes ouço a voz do chefe de secção chamar-me a atenção:

— Olha pró que estás a fazer!

E eu agarro-me ao trabalho, mas 6 ou 10 minutos depois já estou outro vez distraído.



Paulo Jorge, filho do Francisco Félix (ex-«Chico dos Teares»).

Quantos por cá como eu? Sem ofensa para ninguém.

Prometo ir-me recompondo e esforçar-me por trabalhar o melhor que possa. Falta-me força de vontade.

Aqui vos deixo, amigos Leitores, uns breves apontamentos daquilo que eu sou e porque vos escrevo.

Escrevi esta nota, porque várias perguntas surgem. Os leitores saberão quem eu sou?

Ficam esclarecidas as dúvidas.

PERDIDO — As obras na casa-mãe estão quase prontas.

Como os Leitores sabem, temos em nossa Casa uma Senhora que costuma dar ajuda aos cozinheiros.

Com as obras, essa senhora, a sr.ª D. Virginia, teve que ir dormir para o hospital a fim de o seu quarto poder ficar vago. Agora, com o quarto pronto, a Senhora quer ocupar o seu lugar mas não temos mobília para lá pôr! Mobília de quarto de dormir, claro está.

Bom, os leitores dão-nos uma ajuda...

Obrigado!

AULAS DE ESTÉTICA — Terminaram para os tipógrafos as aulas de Estética.

Aulas que não precisam de comentários. Cada um sabe o que tem a fazer: pintar, desenhar, escrever artigos, etc.

Não podemos deixar de desejar ao nosso professor boas férias.

Boas férias, sr. Armando!

CONVÍVIO — Nós gostamos de conviver com Rapazes de outras Casas do Gaiato.

Desta vez tivemos a ocasião de conviver com o cronista do Tojal — o Jorge Cruz.

Aqui esteve uns dias connosco.

Pois que nos visitem os restantes cronistas!

Obrigado, Jorge Cruz e boa inspiração para escrever. Um abraço.

CORRESPONDÊNCIA — Os alunos do Posto da Telescola n.º 337, de Tortosendo, escreveram-nos uma carta simpática.

Não vale a pena transcrevê-la; sim o lindo poema que nos mandaram:

«A amizade tem asas,
Tal como as andorinhas
Fazem os ninhos nos beirais,
Ai que lindas avezinhas.

O nosso pensamento voa
Até vós, bons amiguinhos.
Daqui vos enviamos
Muitos queridos beijinhos.

Os Gaiatos são como andorinhas
Rodam, rodam, rodam
E voltam às suas casinhas.

Ah Gaiatos!... Gaiatinhos
Gaiatos
Meus amiguinhos.»

O nosso muito obrigado.

Já agora, aproveito para vos pedir desculpa do atraso.

Escrevam sempre!

Um abraço para todos vós.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Foi na estrada. Andávamos ocupados na resolução do problema de um Pobre de freguesia vizinha, que nos bateu à porta.

Já no fim das andanças, regressámos com mais outro, a quem demos a mão e que nos serviu de norte.

Entretanto, cruzámos com Semanel. Juntou-se ao grupo. Toma a dianteira. Fala de si e dos seus, com exuberância:

— Sou pedreiro. Estou com baixa há mais de um ano. Está a ver?! Parti o braço por aqui. Espero a reforma, que tem sido um calvário!! Mas não estou quieto. A vida dos Pobres é assim...

A conversa espalhou-se. Ele é um homem de vida interior: «Sou analfabeto. Mas, graças à Senhor, tenho fé. É a fé que me segura...»

Muito trânsito na rodovia. E Semanel era um vendaval! A clareza das ideias; o conhecimento da vida; a profundidade dos conceitos; a força de expressão — a sabedoria dos Humildes!

— Está a ver os calos?! Olhem pra isto... São a minha glória. Tenho sofrido muito; muito. *Antão* quando pus o meu filho a estudar..., houve quem m'apontasse! Ia desperdiçar uma inteligência?! Tenho gasto tudo; tenho-me sacrificado até mais não, porque ele merece. Inda não perdeu um ano! É verdade; houve quem m'apontasse! «O Manel vai pôr o filho a estudar...!» O Manel! A ciência não é também prós filhos dos Pobres? É pra todos os que tenham cabeça; todos! Inveja, sabe. De gente que tem obrigação de ser equilibrada. «O filho do Manel vai estudar...!»

Disse mais. Muito mais, que fica só entre nós. E de tudo extraía lições, citando a vida de santos, um mundo de coisas. A sabedoria dos Humildes!

— Tenho pena. Sou analfabeto! Mas compreendo tudo. Eu penso. E gosto de saber. Agora, sou velho... Mas, o q'eu não pude fazer, fará o meu filho. Faz o meu filho!

PARTILHA — De uma anónima, 50\$00. Mais 20\$00 de uma velha Amiga — esbulhada por terroristas! Alcobaga:

«Uns minutos roubados às minhas correrias para lhes dizer que o vale de 2.000\$00, que hoje enviei, é mais uma migalha destinada à Conferência; pois me encanta o vosso arrojo de ir dando sempre, com a esperança do que há-de vir.

Acabo de receber agora, sem trabalho da minha parte, dinheiro com que não contava. Estão os vicentinos em dívida aí com alguém? Se estão, a quanto monta? Pergunto isto, porque pode ser que em Julho possa arranjar alguma coisa.

Como já em tempos disse, sou também vicentina (embora actualmente não integrada em nenhuma Conferência).»

Quando um(a) recoveiro(a) dos Pobres adquire rodagem, por mais

escolhos que o caminho lhe traga, jamais perde a embalagem!

Prezada vicentina: o nosso tesoureiro diz que vai pagar, já, 5.000\$00 ao merceiro... É que a gente distribui na medida das necessidades — «com a esperança do que há-de vir». A miséria imerecida, a injustiça ferem o Coração de Jesus. E essa mesma ferida sangra os homens de boa vontade, que vêm ao Seu encontro na pessoa de cada um dos Pobres.

Mais 250\$00 de algures, envoltos em singelo papel de carta, com legenda indicativa. Mais 500\$00 do assinante 30554, «que teria o desejo fossem para a Conferência». Aqui estão!

Outra anónima:

«Uma pequenina quantia (300\$00) para os Pobres da Conferência, pelas melhores e bons resultados da operação a que meu marido vai ser submetido.

Pede desculpa da insignificância uma Esposa angustiada.»

Ergamos uma prece ao Senhor.

No Espelho da Moda, 100\$00. Assinante 1295, metade. É dos primeiros! E o n.º 9022, idem. Outros 100\$00 da assinante 1977. Damaia, o dobro «em memória de minha Mãe e de meus Padrinhos». Remanescente de contas de «velha assinante que ainda contactou com Pai Américo nas Termas do Luso». Presenças habituais do Casal-assinante 17022. Mais um vale de correio de 100\$00, da rua Jorge de Melo, Lisboa. Ainda de Lisboa, uma legenda muito significativa:

«Segue pelo correio um vale, sendo 300\$00 para a Conferência Vicentina, agradecendo os 13 anos do nosso casamento, que tanto temos que agradecer, pois até o Senhor levou para o Céu o nosso único filho! Peço orações pela minha Mãe que se encontra doente...»

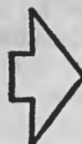
Para todos, um muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Praia de Mira

Este ano começámos com um grupo de 5 rapazes a fazer a limpeza da Casa. O ano passado a nossa Casa estava quase sozinha; mas, agora, já temos muitos vizinhos. Estamos dentro de um bairro onde encontramos sempre amigos.

Cá estamos nós junto do mar onde há tanta alegria; os pescadores todos os dias vão à pesca e, por vezes, trazem bastante peixe, onde vamos buscar algum para comermos, pois que durante o tempo que estamos



Novos Assinantes de «O GAIATO»

Durante a quinzena, recebemos mais umas dezenas de novos Assinantes! E uma grande parte deles testemunha, significativamente, o seu compromisso de assinatura. Bom sinal!

O ror de cartas à nossa frente, seja de voluntários que motivam amigos e familiares, seja dos que se inscrevem directamente, são pedaços d'alma que mantêm o pavio de «O GAIATO».

Este diálogo ou partilha é fásca que provoca incêndio nas almas!

Pai Américo teve sempre um cuidado extremo neste capítulo. Sempre. Vibrava interiormente com a agitação que «O GAIATO» provocava — e provoca — nos homens de boa vontade. Daí, fosse em que circunstâncias fosse, em marés altas ou baixas, longe ou perto de Casa, nunca ele deixou de comunicar. As vezes com extraordinário sacrifício! E esta oblação foi, ainda, motivo das suas melhores páginas. «O GAIATO» era a menina dos seus olhos. Um dos

maiores ou talvez o maior quinhão do seu sacerdócio.

«Até que enfim arranjer um assinante!» — exclama um Leitor de Algés. E continua: «Por mais boa vontade que fale em «O GAIATO», sou voz no deserto!»

É só uma, mas vale mais que nenhuma. Quanto gostava de arranjar mais...

Leio sempre «O GAIATO» com sincero amor à Obra, embora a minha presença material seja mais pequena que uma gota d'água.

Ilumina-nos em tudo um pouco; tanto espiritualmente como em amor a tudo que seja digno. Até não esquece os deveres à Pátria.

A minha assinatura vem em nome de um sobrinho, mas é minha. Quando o Senhor se dignar chamar-me, a ver se continuam — para não parar. Deus o permita porque tudo pode...

Mais uma revolucionária pacífica, que leva tudo na sua frente! É uma Mulher forte que sabe quando e como motivar os Outros. Eis a lição:

«(...) Tenho mais uma colega de novo na minha escola e já lhe falei em assinar «O GAIATO». Empréstei-lhe dos meus para ela ler. Disse-me que sim...»

A Festa no Monumental, em Lisboa, despertou presenças. Ouçam Linda-a-Velha:

«Sou assinante desde o dia feliz que fui ver-vos ao Monumental. E como gostei eu de todos vós!

Enterneceu-me muito o vosso «Pardalito».

Junto 500\$00, pois já recebi três jornais. E irei mandando

mais algum sempre que possa. Gostaria de saber qual o meu número de assinante...»

Agora, é Lisboa:

«Fui ao Monumental assistir à Festa da Casa do Gaiato do Tojal. E aproveitei a ocasião para arranjar assinantes novos para «O GAIATO»...»

Passam, agora, expressivas notas que não poderíamos olvidar. Aquele Amigo da Amadora que «a partir desta data» deseja «ser assinante de «O GAIATO» e bem assim minha mulher e filhos... na esperança de que essa juventude possa ser amanhã um verdadeiro testemunho de Cristo».

E que dizer de uma lista de oito novos Assinantes da Com-

panhia de Seguros Confiança, do Porto?! Anda por lá o rastilho... Porque não estendê-lo a mais Seguradoras, Bancos e outros locais de trabalho?

Vamos ficar por aqui, indicando sucintamente a proveniência do resto da procição.

Temos mais Assinantes do Porto e Lisboa, Évora, Paços de Brandão, Cête, Ílhavo, Ovar, Portimão, Pinheiro de Loures, A-das-Lebres, Mem Martins, Linda-a-Velha, Viana do Castelo, S. João do Estoril, Fundada, Figueira da Foz, Aveiro, Avelar, Odivelas e Matosinhos. Mais Joanesburgo e Nigel (África do Sul), e Koln (Alemanha Federal).

Júlio Mendes

Setúbal

porque a sociedade lhes tem roubado o sentido de se mostrarem comunicativos. Por tudo, bem hajam, Senhor!

● Como nos temos regalado de maçãs, este ano!

A nossa «OM» do Tojal já cá veio duas vezes carregada com caixotes delas.

Eu não sei quem no-las tem dado, mas dizemos daqui um bem haja a quem nos deu a oportunidade de saborearmos tanto este fruto.

● Dantes, Modesto e Alvarinho fugiam dos meus afectos. Não admirava; estava mais fugido deles. Eu era um desconhecido para estes dois amores que agora correm e chamam outros para virem até mim e beijar-me. Que bons estes beijos e as pessoas que no-los dão. E choramos os nossos pecados. Por falar nisto, eles querem carinhos; carinhos iguais àqueles que dá aos teus filhos.

Ernesto Pinto

em Miranda do Corvo é rara a vez que comemos peixe.

Os Rapazes todos os dias vão tomar banho ao mar, pois ele tem estado sempre manso, com ondas pequenas que dão para entrarmos por ele dentro e irmos até longe sempre a nadar.

Encontra-se na praia o grupo dos mais pequeninos e alguns dos maiores, os quais formam um grupo de 39 Rapazes.

Quando vamos tomar banho, o Tó diz sempre que não quer, que tem medo da água. Não quer ir para debaixo das ondas porque bebe água.

O Rui, que é o mais novo de toda a nossa Família, também tem muito medo de tomar banho. Quando o levamos para o mar, ele chora muito e agarra-se a nós dizendo que não quer tomar banho.

Os balancés e o carrocel também dão muita alegria aos Rapazes. Nunca estão parados; ou são os nossos Rapazes que andam neles, ou são as crianças de fora, nossos vizinhos.

Deus queira que os balancés sejam motivo de alegria para todos; e que cada um saiba andar na sua vez e saiba respeitar os outros.

Francisquito

Lar de Lisboa

Findou mais um ano lectivo. Quem disser que tudo correu bem é mentiroso. Por isso volto a falar num assunto já amplamente debatido pelos nossos padres numa visão familiar do problema.

De facto, as anomalias no Ensino aumentam de ano para ano a nível geral. E este infelizmente foi frutífero nesse aspecto.

Inicialmente era a falta de professores e o desconhecimento dos

programas a ministrar por parte daqueles que estavam já presentes.

Os períodos sucederam-se sem que se obtivessem notas a todas as disciplinas. Algumas chegaram mesmo ao fim do ano sem qualquer nota de aproveitamento. Isto porque houve disciplinas para as quais os professores não chegaram a aparecer. Outros vieram destinados a ensinar matérias para si totalmente desconhecidas! Pois não faz sentido que uma professora formada em inglês seja posta a ensinar música...

Daí que a aquisição de conhecimentos tenha sido fraca e insuficiente o número de disciplinas cumpridas.

No final do ano vêm os exames e quem tomou alguma atenção ao pouco que foi ensinado vê-se agora dispensado da tão difícil (!!) prova. Para os que não têm outra alternativa senão sujeitarem-se à dita esperam os cursos intensivos (solução de última hora que duvido seja eficaz).

Continuo a pensar que todas estas anomalias, de alguma gravidade, virão a ser reparadas. Pena é que o sejam fora de tempo e venham a afectar quem porventura se prepara para vencer na vida, fora do âmbito escolar.

Faço votos para que a equipa governativa que em breve irá tomar a seu cargo os destinos deste País tome a peito os graves problemas de que enferma o sector da Educação. Para que os programas sejam eficientes e apropriados e para que quem estuda por passatempo seja eliminado em favor daqueles que precisam, que querem e têm vontade de aprender.

ATENÇÃO — Quero avisar todos os Amigos lisboetas que por motivo de fim de ano escolar, se encontra fechado o nosso Lar, em Lisboa. Assim, para qualquer assunto de vosso e nosso interesse deverão contactar a Casa do Gaiato do Tojal — Loures.

Jorge Cruz

● Era um sábado de muito calor. Não houve a chamada «semana pequena» para ninguém. Alguns que trabalham em empresas, arregaçaram as mangas e colocaram-se ao lado de outros que vieram das nossas oficinas ou saíram dos trabalhos agrícolas.

São as obras que continuam, agora por cima do refeitório, onde além do desalinho existia o perigo.

Falámos com o nosso Engenheiro e com o nosso Arquitecto e tudo é possível desde que haja quem faça o que eles planearam. Alguém nos arranhou tubos e fizemos a rampa por onde seriam roladas as vigas que além de servirem de tecto irão dar resistência a todo o bloco. Aproveitámos este sábado para unir energias. Depois foi o gosto de vermos o resultado da união de tantos braços e cérebros.

Oh! socialismo! Oh! sociedade que procura tão longe o que tens à porta!

Ninguém pode avaliar o suor e alegria destes Rapazes que querem dizer ao mundo o sentido do único socialismo. Eles manifestam-se por obras e não sabem dizer por palavras a sociedade que querem construir.

Uma carta

«Os meus respeitosos cumprimentos. Envio um cheque de X escudos. Um beneficiário dessa Casa, chamado Y, residente nesta freguesia, por meu intermédio, recorreu a V., pedindo um auxílio para acabamento da sua casa. Agora, que tanto ele como as filhas ganham bem, vem, reconhecido, devolver a importância com que tinha sido socorrido.»

Para quê comentários?! Seria profanar lição tão profunda, à laia da do leproso entre os dez sarados pelo Mestre, que voltou para trás a agradecer a sua cura!

Toda a grandeza desta sociedade provém de fazermos e educarmos como se fosse uma pequenina família. Eu apelo pra todos; mais prós professores, para ensinarem assim. Ensinar coisas pequeninas.

● Creio que findaram, por este ano, as nossas Festas. Se não fosse porquê, nós diríamos antes celebrações.

O que nós aprendemos nelas e delas! O que aprendemos cá em Casa e o que trazemos de fora! Eu vi em Almada e dali transcrevo um nadinha do fogo que todas elas foram. Nós éramos descrentes dos êxitos, mas vimos outra vez com alegria que eles são capazes de terem mais brio do que aquele que mostram,

RETALHOS DE VIDA

O «Salsichas»

Sou natural de Tondela, onde nasci a 12 de Dezembro de 1962, no Hospital da Misericórdia.

Estive com a minha mãe até aos 11 anos. Vim para a Casa do Gaiato a 25 de Setembro de 1973, com 11 anos de idade e com a 3.ª classe.

Cá na Casa, estou eu e outro meu irmão mais novo, que tem 11 anos de idade.

Víamos para cá, porque éramos maus para a minha avó. Minha mãe é doente. Quando estava a ferver água, deu-lhe um ataque e a água cafu por cima dela e queimou-a nas mãos e na cara. Uma senhora, vendo que a minha mãe estava assim, meteu-me na Casa do Gaiato.

Gostamos de cá estar. E eu ando no 1.º ano da Telescola; e espero continuar a estudar. O meu irmão anda na 2.ª classe.

Éramos seis irmãos, mas morreu uma irmã e em casa da minha avó estão três: um rapaz e duas raparigas. Uma já está casada, a outra é pequenina e o meu irmão está a trabalhar para sustentar a minha mãe, a minha avó e a minha irmã.

Sou da limpeza da casa 3 e vendo «O GAIATO» em Valongo, onde as pessoas são muito minhas amigas.

Agora, não tenho mais nada a dizer acerca da minha vida. Envio, para todos os nossos amigos Leitores, um grande abraço.

Carlos Manuel de Matos («Salsichas»)



AGORA

«Quem não aparece, esquece!»! Estou a ver que temos de aparecer mais vezes do que as duas anuais em que costumamos dar conta do que nos dá — para não ficar esquecida esta rubrica, tão na ordem do dia como há vinte e seis anos, quando surgiu. Então o problema primeiro era o do Indigente. Agora é o problema do Pobre remediado quanto ao pão de cada dia, mas sem casa capaz e ainda sem orgânica social eficiente que lhe proporcione. É esse que, arregaçando as mangas e fazendo das tripas coração, com o auxílio de vizinhos e amigos toma sobre si a empresa da sua casinha e, mal a tem levantada de paredes, manda dizer pelo seu Pároco que é a hora do telhado — e pede assim a nossa comparação. E nós comparecemos. Temos comparecido sem falta até agora, graças a Deus e aos vossos auxílios que sempre vão aquecendo o mealheiro do Património dos Pobres, mas agora em ritmo um pedacito lento demais. Por isso digo que temos de aparecer mais vezes, para o acelerar, inventando motivos enquanto maior fartura de presenças vossas não for o natural motivo.

Como vão ver, esta coluna é um encontro das mesmas pessoas de há já muitos anos o que é extremamente saboroso; mas queríamos a roda aumentada por caras novas que se iriam tornando habituais e chamariam, por sua vez, outras novas.

Vamos aos Pessoais: O da C.P.E. (ex-HICA) com 6.324\$60 de um grupo e 383\$60 de outro. Fiéis que não desarmam! Assim os da Caixa Têxtil do Porto, com 2.508\$00, fruto de 1\$00 mensal descontado aos seus ordenados, não contando os 5.987\$50+320\$ que no Natal passado, conforme também velho costume, deixaram no Es-

pelho da Moda, para os nossos Rapazes.

Seguem-se os de todos os meses: Quinhentos de Berta e Jorge. O dobro de J. P. R., que agora aparece no nosso Lar do Porto. Os 20\$00 mensais da Assinante 17740. Maria Benedita soma 600\$. Da Nazaré, 400\$. E um nome que se extingue porque se extinguiu a pessoa — o Major do Silêncio, que descansa enfim de muitos sofrimentos no seio de Abraão.

Passam agora os das Casas a prestações, posto seja este apenas um título de periodicidade e não uma exigência de título para a casa. Para a Casa do Espírito Santo, 500\$. Quatro prestações de M. M. — A. L. valem 4.000\$.

Para a Casa de Sta. Filomena, nove «gotinhas» de 100\$ e mais 2.000\$ «que retirei do 15.º mês».

No Montepio Geral, em Lisboa, 2x500\$ de Helena, 200\$ de Júlia, 100\$ de J. Lopes, 150\$ de «um pecador» e 2.000\$ para a Casa da Tia Lay.

A finalizar, temos os Avulsos: 10 contos de uma Amiga que capitaliza assim as suas economias, enquanto gasta conosco as suas derradeiras forças. 100\$ de Nisa, para a Casa dos Assinantes. Outros 10 contos de Ferrel, «para empregar onde mais falta faça, ainda que seja em cumprimento de um voto de ajudar a construir uma casa a quem dela precise». 202\$ de Sílvia Margarida e 40\$ «para uma telha» e 1.000\$ do Porto «para a Auto-construção» e 50\$ da Praça dos Alamos, Porto.

Sobras de assinaturas: 100\$ de Lúcia e outrotanto de Victória e o dobro de Antero.

De «uma que faz parte da Família», 10 contos «em benefício de Famílias aflitas que têm as casas sem telhado», além do mais que veio com outros destinos.

Cont. da PRIMEIRA pág.

As esponjas do mar, saturadas, não recebem mais. Tu não. Naufragas naquilo mesmo de que fazes tábua de salvação, oh infeliz!»

Creio que isto basta para reflexão de todos nós e da sua oportunidade na renovação que tanto se fala da Igreja. Ora a Igreja somos todos nós cristãos.

● Passou-se um ano da estada minha e do P.e Abel nesta Casa do Gaiato. Nele vivemos horas duras, amargas, dolorosas; e horas de muita alegria e felicidade. Sabíamos para o que vínhamos. Sabia-

De Maria Antonieta, parte de 1.000\$ no Natal passado e, mais recentemente, 3.000\$ que «nos anos anteriores eram para as minhas queridas casinhas, mas como isso agora já não é possível, serão para ajuda da construção de outras casas, ou para qualquer ajuda.»

Cinquenta de uma senhora do Bom Sucesso por uma graça obtida por intermédio do Pai Américo. E da rua de S. Roque da Lameira, este recado: «Em tempos, quando Pe. Américo andava empenhado em casas para o Património dos Pobres, meu marido depois de arranjar dinheiro para duas, pensou em oferecermos uma futuramente. Mas o tempo foi passando, uma doença muito grande instalou-se por anos sucessivos até ao último estrago...»

Agora quero satisfazer esse nosso desejo de outrora. Eram 14 contos o valor de uma casa completa. Embora nesta altura a modalidade seja outra, peço o favor de distribuir pelos Auto-construtores como melhor achar a sua divisão.

É uma migalha, mas junta a outras...!»

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

mos o que queríamos. Sabíamos o rumo certo a atingir. Rumo que é viver dia-a-dia a conquista do Amor. Amor a cimentar em nossos corações; amor a construir nos corações dos nossos Rapazes; amor a comungar com os nossos Amigos destas terras de Lisboa.

Preparados para viver a caminhada do Calvário, muitas vezes caímos ao longo da jornada. Vivendo da fé em Deus e nos homens, certos de que a Esperança cristã é uma certeza na prática da caridade que é o Amor, jamais nos faltaram Cireneus a ajudar-nos a levantar das quedas e a levar conosco a cruz voluntária e alegremente aceite no amor que devemos aos Outros.

Nesta passagem pelos caminhos do Calvário jamais nos assustou a crucifixão. Não a atingimos, longe disso!, mas já tivemos de saborear o cálice da amargura e até bradamos algumas vezes o grito da agonia: «Pai, se é possível, afasta este cálice». Mas já tivemos também a alegria da precursão da Transfiguração; e a certeza da Ressurreição vive em nós como uma realidade futura a sentir-se no presente. Não fora a existência de Cristo presente no sofrimento dos nossos Irmãos (quer abandonados, quer doentes, quer sem pão e lar, quer desesperados por o alcançar) continuamos a sofrer as consequências duma sociedade que diz querer ser mais justa e que por querer ser mais,

despreza ser simplesmente Justa, e teríamos a certeza da plenitude da Ressurreição.

A multiplicação do pão que comemos com o suor do nosso rosto, mas que não chega, tem sido realizada e continuará a realizar-se nesta certeza de fé que Deus é Pai e dá aos Seus filhos o necessário através da caridade vivida nos outros Seus filhos que sentem na sua carne as limitações dos outros Irmãos que nós somos. Assim, temos tido a graça de comungar com os que nos dão as suas renúncias e sacrifícios: o pão quotidiano que faz das nossas refeições um encontro cheio de alegria e amor. Como que por intuição (eu diria por uma graça especial do Pai) os nossos Amigos multiplicam-se em generosidade e continuamos a saborear esse pão quotidiano que embora amassado e cozido pelo «Avião», é uma dádiva dos homens de boa vontade. Dizer do pão é dizer do resto que nos falta em força e capacidade para as nossas Comunidades. Porque acreditamos em Deus, confiamos nos homens e pelos homens Deus responde à nossa fé. É que é impossível uma realidade sem a outra, visto ela ser a vivência existencial do Mandamento primeiro: amar a Deus e ao Próximo. Nisto se resume a Lei e os Profetas. Isto é viver Cristo no Tabor e na Ressurreição.

Padre Abraão

Quarta edição

do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES»

Salvo qualquer imprevisto, contamos iniciar a expedição da 4.ª edição do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES» até ao fim do mês de Julho.

É um mês significativo para todos nós! No entanto, para quantos tivemos a graça de sentir o bafo de Pai Américo, não admira que essa data tenha um significado ainda mais profundo. A saudade (não o saudosismo...) nasceu conosco. E mal iríamos se não lhe abrissemos constantemente a porta do coração e da alma; santuário do homem e objectivo primeiro da cruzada de Pai Américo.

O «PÃO DOS POBRES» é o seu primeiro caderno diário como recóviro dos Pobres. Obra oportuníssima, dedicada «ao Pobre com letra maiúscula, sentido absoluto que abrange a legião de Famintos e Escorraçados».

É uma obra que esmaga e desperta o leitor!

Pai Américo escreveu «dentro da mansarda o que eles (os Pobres) ditam, a pedir pão. Por isso mesmo — continua — tu choras ao ler, como eu também choro ao ouvir. Lágrimas vivas, vertidas por Irmãos nossos».

Entretanto, de vários pontos do País, chegam requisições do «PÃO DOS POBRES». Até mesmo de quem tem a 1.ª, 2.ª ou 3.ª edições!!

Sublinhamos, ainda, que os menos atentos — possuidores de uma das edições — serão motivados oportunamente; não vá acontecer que a suspensão do volume origine algum ralhete desses mil e tal Assinantes...

Enfim, logo que a encadernação arrume o trabalho estaremos aptos a servir os interessados. Repetimos, a partir já do fim do mês corrente. É a nossa previsão.

Júlio Mendes

Pai Américo

Obreiro da «Civilização do Amor»

Cont. da PRIMEIRA pág.

morto e sepultado». Quer dizer, Pai Américo nunca anunciou um Cristo sem Igreja, nem tão pouco abdicou logicamente do «ande lá da Hierarquia», que frequentemente consultou e a quem deu contas na pessoa do seu Bispo; e o Cristo proclamado foi o Mestre Vivo de Nazaré, de maneira directa, explícita, na totalidade do mistério cristão, abarcando todas as situações do homem concreto, seus deveres e direitos, denunciando as injustiças e buscando a sua promoção na visão cristã da vida que é crescimento e libertação.

«Todo o valor da nossa vida gira à roda deste verbo pequenino e imenso, o verbo

amar no infinito... infinitamente». O conjugar consequente deste verbo, nas suas múltiplas facetas e circunstâncias, para lá dos sacrifícios ou trabalhos exigidos, sem demagogias ou interesses inconfessáveis em mira, continuará até ao fim dos tempos de uma actualidade gritante e coroa, de maneira expressiva, toda a vida de Pai Américo. Por isso lhe podemos chamar, sem favor, «Obreiro da «Civilização do Amor». Amar todos os homens, na linha de Jesus, foi a sua grande preocupação e constitui, por assim dizer, a síntese do seu testamento espiritual: «A Obra da Rua é já, por si, uma afirmação da divindade de Jesus. Ele é o Mandamento Novo em marcha. O amor do Próximo sem cerimó-

nias, como Cristo quer que seja». Ricos e pobres — «a verdadeira revolução é levantar os Prostrados e não deitar abaixo os que caminham»; presos e doentes; crianças e velhos; prostitutas e marginais; angustiados e em sofrimento; desalojados ou vivendo em tugúrios; aflitos e desempregados; justos e pecadores; todos os homens tiveram lugar no coração de Pai Américo. Que o seu exemplo seja para nós, Família de dentro e de fora, um permanente apelo ao conjugar operante do tal pequenino verbo, no «amor do Próximo sem cerimónias», já que «uma vez dentro da vida, temos de a realizar... amando» e nunca, como hoje, isso foi tão necessário.



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa